

A large, stylized number '9' is the central graphic element. It is composed of several grey shapes: a vertical oval for the stem, a curved shape for the top loop, and a larger curved shape for the bottom loop. The number is set against a white background that is partially obscured by a grey vertical bar on the right side.

RESENHAS

# A Infestação

Isaac Gil

**BAUMAN, Zygmunt** (2010). *Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 96p.



**Resumo:** O autor apresenta o capitalismo parasitário como aquele que produz indivíduos eternamente devedores, cujos credores se nutrem com os juros pagos e descreve de que maneiras a indução ao consumo desmedido propicia tal conexão. A cultura de ofertas em que vivemos é o denominador comum para que o consumidor e o mercado se vinculem e se abasteçam mutuamente.

**Palavras-chave:** vida líquida; sociedade pós-moderna; capitalismo parasitário.

**Abstract: Infestation.** The author presents the parasite capitalism as the one which creates individuals as incessant debtors, whose creditors feed themselves with the interests; the book also describes how the induction to immeasurable consumerism realizes that model. The offer-culture in which we all live is the common base which connects consumer and market, for vinculation and supply.

**Keywords:** liquid life; postmodern society; parasite capitalism.

O livro *Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos* é a vigésima obra de Zygmunt Bauman, 84. O sociólogo polonês é professor emérito de sociologia da universidades de Leeds na Inglaterra e da Universidade de Varsóvia na Polônia. Bauman introduziu, em obras anteriores, o conceito de vida líquida, que é aquela carregada de constantes incertezas, fruto do funcionamento do capitalismo dito flexível ou eletrônico. O mundo líquido caracteriza-se pelo consumo e descarte incessantes.

No mundo líquido a única regra é a ausência de formas definidas. Não há padrões; tudo é efêmero. O livro está estruturado em em cinco capítulos: os dois primeiros são descritivos e os três últimos são respostas para perguntas dirigidas a Bauman.

O primeiro capítulo, explica que o capitalismo é um sistema parasitário, porque se instala em um “organismo hospedeiro”, consumindo-o e, em consequência, prejudicando-o e destruindo-o. O parasita a que se refere o autor é a força do capitalismo que busca incessantemente novos lugares para se fazer ampliar, ou seja, novos mercados. Um exemplo está na última crise causada pela aventura das hipotecas *subprime* em que os bancos norte-americanos financiaram indivíduos desprovidos dos requisitos para empréstimos bancários sem garantias. A expressão material deste parasitismo é o cartão de crédito, que com seu slogan “não adie a realização do seu desejo” induz o consumidor a gozar sem cessar, pela aquisição de objetos e signos mesmo quando não puder pagar à vista para obtê-los. No capitalismo parasitário a ausência de débitos não é boa para os emprestadores porque não se paga juros. O “devedor ideal” é aquele que jamais paga integralmente suas dívidas porque os juros são o alimento do “parasita”. Assim, a contração do crédito decorrente da crise econômica mundial de 2009 não foi devida ao insucesso dos bancos; ao contrário foi devida ao extraordinário sucesso destes porque ao introduzir a regra do “compre agora e pague depois” produziu e produz, em série, indivíduos endividados<sup>1</sup>. “Como poucas drogas, viver a crédito cria dependência”, diz o autor. Neste capítulo ele explica as ligações que chama de simbióticas entre o Estado e o mercado. Aquele coopera com este último, introduzindo regras que vão de encontro aos interesses do mercado, daí a metáfora da simbiose, que é uma relação mutuamente vantajosa entre dois ou mais organismos vivos de espécies diferentes. Portanto a relação do Estado com o mercado é de vantagens mútuas, mas deste com o consumidor é de parasitismo.

O segundo capítulo frisa que a cultura de hoje é feita de ofertas, para garantir que a “escolha continue a ser inevitável ou uma necessidade e, ainda, um dever de vida”. Não é suficiente ter. O que prevalece é o desejo de substituir o que se tem por bens novos e melhorados. Esta é a regra na sociedade líquido-moderna. Trata-se da cultura da “obsolescência instantânea”, pois esta estimula o consumo.

O primeiro subtítulo do segundo capítulo propõe que a solidez dos vínculos é uma ameaça, pois um futuro com obrigações restringe a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades assim que elas apareçam e, por conseguinte, compromete a sociedade líquido-moderna, feita de descartes. O pacote de conhecimentos adquiridos em uma universidade não escapa a esta regra porque “o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente”. Para o autor o mundo volátil da modernidade líquida “mais parece um mecanismo para esquecer do que um

1. É oportuna a entrevista publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, edição de 23 de maio de 2010, na seção economia, transcrita a seguir: “O que é a vida sem uma prestação? questiona Vaneide. Vaneide Figueiredo, assistente de cabeleireira em um salão de beleza no Jardim Paulista, afirma que a vida sem dívida não existe: “O que é a vida sem uma prestaçãoozinha para pagar?” Há dois meses comprou um celular para a filha. Parcelou em 10 vezes no cartão do Carrefour. Em junho de 2009 ela e o marido deram de presente ao cunhado uma TV. O casal ainda está pagando a prestação de R\$ 180. Dois anos atrás o investimento foi numa nova geladeira. ‘Pobre é assim. Paga um carnê e já faz logo outro’, brinca Vaneide”. Disponível em [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100523/not\\_imp555308,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100523/not_imp555308,0.php). Acesso em 25/05/2010.

ambiente para aprender". A internet propicia tal conceito, pois através desta é possível dominar as enormes quantidades de informações e "essa massa de conhecimentos acumulados transformou-se no epítome contemporâneo da desordem e do caos." Bauman finaliza este trecho mencionando que ainda não aprendemos a preparar os homens para este tipo de vida.

No segundo subtítulo desse capítulo o autor comenta que os alunos centram-se em seus aparelhos de comunicação instantânea e cada qual em seu próprio mundo, o que cria um mundo virtual gigantesco e, ao mesmo tempo, inibe as relações sociais, pois o contato visual é realizado preferencialmente com os artefatos usados para as conexões. É o mundo *on-line*. Por esta razão as relações entre professor e o aluno tornam-se frágeis, porque a interação entre eles é mínima, o que pode comprometer o aprendizado. O aluno pode todavia ver e descobrir o que precisa na internet. A geração eletrônica domina ligações instantâneas e atos como apagar e reescrever e pode fazer isso sem a presença do tradicional professor, uma vez que com este as relações tem de passar por um contexto social e não virtual, o que não foi ensinado para esta geração.

O livro finaliza com mais três capítulos em que Bauman responde a perguntas sobre a sociedade do medo, cujo tema é a insegurança do mundo atual, sobre o corpo em contradição, cujo foco está nas patologias próprias do mundo líquido moderno e finalmente um homem com esperanças, em que o autor expõe suas crenças sobre o futuro com base em sua visão do mundo líquidos.

Bauman mantém neste livro sua crítica ao mundo líquido, ao mesmo tempo em que acrescenta o conceito de "mundo parasitário". A possibilidade e o interesse dos inúmeros atores do capitalismo parasitário em facilitar o consumo desenfreado, pode sugerir - por analogia ao conceito de parasita - a metáfora da infestação, que é uma invasão por parasitas macroscópicos, e que no caso pode ser figurativizada pelos bancos e instituições que convocam o usuário/cliente ao prazer desenfreado. O livro é importante para instaurar reflexões sobre o devir ou a perenidade de coisas e seres, a partir de um exame da volatilidade do presente.

ISAAC GIL é médico, mestre em administração e doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.